



NA CONTRAMÃO DA HISTÓRIA MILITANTE¹

ON THE COUNTERPART OF THE MILITANT HISTORY

Eduardo dos Santos Chaves*

Durante muito tempo a história republicana brasileira foi e, em certa medida, ainda permanece, sendo contada a partir das disputas entre grupos, partidos e indivíduos situados à direita e à esquerda do espectro político. Como análise bipolarizada, muitas vezes de forma rasteira, essa vertente historiográfica não compreendia a complexidade dos grupos em jogo, além de privilegiar demasiadamente as esquerdas políticas. Essa perspectiva analítica ganhou maior respaldo no meio acadêmico quando se tratava de episódios mais recentes da história do Brasil, como a ditadura civil-militar (1964-1985). A expressão modificava-se: ao invés de regime ou ditadura civil-militar, preferiram-se expressões como “Anos de Chumbo”, com a intenção de apresentar um período marcado pela sistemática repressiva, que pode ser identificada como terrorismo de estado. O regime apareceu como uma superestrutura oprimindo toda a sociedade que resistia constantemente às duras restrições impostas pelos “coturnos militares”. As esquerdas armadas são mostradas como inocentes que apenas lutavam pelo fim do regime e a consolidação da democracia. As direitas, por sua vez, aparecem como “fantoques/marionetes” nas mãos de um complexo golpista, que buscava alcançar o poder político e levar a cabo seu programa econômico alinhado aos Estados Unidos da América. De acordo com este ponto de vista, coube então à sociedade apenas resistir, a seu modo, à tirania imposta pela burguesia nacional aliada aos interesses do capitalismo internacional.

A mudança em relação a essa perspectiva teve início a partir da década de 1980, mas foi somente a partir dos anos 2000, que trabalhos, como os de Daniel Aarão Reis Filho (2005), questionaram, em certa medida, o chamado *mito da sociedade resistente*, frisando que nem todos os brasileiros haviam resistido ao regime. O objetivo dele – e de outros historiadores – é discutir o apoio que parcela da sociedade conferiu ao golpe e à ditadura, procurando, quem sabe, responder a seguinte questão: como o regime durara tanto tempo sem viva alma que o apoiasse?

Trabalhos anteriores tiveram a preocupação de estudar os grupos

* Mestrando em História pelo Programa de Pós Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: educhaves4@hotmail.com

¹ Resenha: CORDEIRO, Janaina Martins. **Direitas em movimento**: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, 202 p.

conservadores, sobretudo antes do golpe, enfatizando aspectos como o anticomunismo, os partidos políticos, os militares, os empresários, etc (MOTTA, 2002). Porém, poucos se dedicaram ao estudo da atuação das direitas durante a ditadura sem cair no superficialismo e nos esquemas explicativos. É nesse sentido que o livro de Janaina Martins Cordeiro, *Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil*, publicado em 2009, pela Editora da Fundação Getúlio Vargas, ganha relevância.

O texto de Cordeiro se soma ao de outros pesquisadores que trataram da mesma temática: Simões (1985), Starling (1986), Presot (2004). No entanto, a particularidade de sua pesquisa foi chamar atenção para a inexistência de um exame aprofundado de um dos grupos que atuaram fortemente na desestabilização de João Goulart e na legitimidade da ditadura civil-militar: *a Campanha da Mulher pela Democracia* (Camde).

Resultado de sua dissertação de mestrado², o trabalho de Janaina Cordeiro teve a ousadia de discutir com seriedade questões pertinentes à história e à memória do passado recente brasileiro. Debruçando-se sobre uma historiografia já consagrada³, seu trabalho trata de elementos que compõem o chamado “mito da sociedade resistente” que, conforme destacou, “[...] ganhou força na memória nacional, favorecendo ao mesmo tempo o silêncio sobre o respaldo social dos grupos organizados de direita à ditadura e a consolidação de um projeto de anistia baseado no esquecimento e na reconciliação nacional” (CORDEIRO, 2009, p.22). A autora, ao questionar a apropriação da resistência e a negação do apoio civil à ditadura, chega à conclusão de que este deve ser compreendido como um projeto nacional de conciliação e esquecimento, que ia se conformando à medida que avançava o processo de abertura política.

A respeito do papel que tiveram essas memórias, Cordeiro procura refletir a partir de duas edições do panfleto “A nação que se salvou a si mesma”, o primeiro, publicado na revista *Seleções do Reader's Digest*, em novembro de 1964, em um contexto no qual a “Revolução” buscava se firmar, cumpria a função de “legitimar” o golpe, e o segundo, publicado pela Biblioteca do Exército, em 1978, momento bastante diverso, pretendia “comemorar” o 14º aniversário da “Revolução” já no contexto de distensão política. O objetivo era situar as Forças Armadas como simples instrumentos da vontade da sociedade civil. A reedição do panfleto recuperava a importância da ação dos grupos civis – das mulheres em particular – e de manifestações “grandiosas”, tais quais as marchas para a sustentação do regime, como estratégia de consolidar uma determinada memória sobre o período.

² A dissertação de mestrado foi defendida em 2008, pela Universidade Federal Fluminense, com o seguinte título: *A nação que se salvou a si mesmo. Entre memória e história, a Campanha da Mulher pela Democracia (1962-1974)*.

³ Além dos textos de Daniel Aarão Reis Filho (2005), historiadores como Denise Rollemberg (2006) e Pierre Laborie (2001), são representativos desse segmento historiográfico que verifica a complexidade na observação dos regimes autoritários.

No início de seu trabalho, a autora averigua as formas de organização política, bem como as ações desenvolvidas pelas mulheres agrupadas na Camde nos diferentes momentos de sua trajetória, enfatizando alguns dos principais elementos que compunham seu discurso. Cordeiro (2009), no primeiro capítulo, procurou aprofundar a história da entidade e seus atores políticos e assim compreender o sentido da oposição ao governo de João Goulart e a adesão dessas mulheres ao golpe e depois ao regime civil-militar⁴.

Após percorrer a história da entidade, a autora, no segundo capítulo, centrou-se nas especificidades da inserção e militância política deste grupo de mulheres das elites e classes médias cariocas que compunham a associação entre 1962 e 1974. Nesse capítulo procura mapear as fileiras da organização, bem como os laços estabelecidos entre as mulheres, empresários e militares. Embora discorde das teses de Simões (1985), Starling (1986) e Dreifuss (1981) – segundo as quais as mulheres eram manipuladas pelos maridos, pais, irmãos, padres, enfim, pelos homens, para agirem politicamente – considera a existência de um apoio logístico dado pelo Ipês à Camde. Contudo, a conclusão de Cordeiro (2009) em relação a este aspecto é a de que a militância da Camde foi o resultado da crença desses segmentos políticos em determinados valores e instituições, como a família, a religião e a pátria, que estariam ameaçadas pelo “perigo comunista”.

Dessa forma, chama-nos a atenção a maneira pela qual a Camde buscou se apresentar no espaço público. Como mães/donas de casa, o objetivo pareceu ser o de levar ao público um modelo feminino a ser seguido, o qual leva em conta uma mãe comprometida com a educação de seus filhos e com papéis bastante delimitados. Nesse ponto, fica clara a real crença que essas mulheres tinham acerca dos perigos do comunismo. Ou seja, a lógica da manipulação que pretende tudo explicar, desconsiderando os projetos políticos de inúmeros segmentos sociais, não pode ser aplicada mecanicamente, como procurou fazer Dreifuss (1981), Simões (1985) e Starling (1986).

Cordeiro (2009), no terceiro capítulo, procura analisar a diversidade de elementos que compõe a memória elaborada pelas militantes da Camde, assim como nos alerta para os incontáveis silêncios que perpassam as falas dessas mulheres. De forma criteriosa observou as dificuldades em recordar esse passado, destacando os esquecimentos, as decepções, o medo e a recusa em relembrar uma militância comprometida com a ditadura. A autora também revelou as dificuldades encontradas durante sua pesquisa, tais como o não comparecimento de algumas das depoentes aos encontros e a recusa em falar a esse respeito. Afirmou que foram levantados mais de uma centena de nomes de militantes da Camde nas cidades do Rio de Janeiro, Niterói e Juiz de Fora, sendo que apenas 4 se dispuseram a falar, diante de muitas ressalvas.

⁴ A trajetória da Camde já havia sido analisada por Solange de Deus Simões (1985), mas não de maneira detalhada.

Para trabalhar com as narrativas, Cordeiro (2009) pontuou uma série de elementos sobre memória que foram importantes para compreensão das falas das depoentes. O relativo silêncio das militantes, inclusive diretoras, está diretamente relacionado às dificuldades em se falar, hoje em dia, sobre a participação do grupo nas articulações golpistas que levaram à queda de Jango.

Sobre este aspecto, há um esforço da autora em identificar as construções de memórias por parte das depoentes em relação aos governos de João Goulart, Castello Branco e Costa e Silva. Sobre Jango, fica evidente uma memória em que o líder é visto como fraco e manipulado pelos comunistas. Já Castello Branco é reverenciado como um moderado, sendo visto como um homem que preservava os ideais revolucionários. Porém, diferentemente vai aparecer Costa e Silva. Segundo Cordeiro, as depoentes construíram uma “memória negativa” em torno do segundo general presidente, pois, para elas, é nesse período que tem início a “ditadura militar”. Janaína pontuou que, “a militância da Camde, somada aos complicados processos de construção de uma memória deste grupo permitem refletir sobre a complexidade dos comportamentos sociais sob a ditadura, as quais transitam entre coerção e consentimento, colaboração e desilusão” (CORDEIRO, 2009, p. 163).

Como último item, a autora analisa o texto autobiográfico de uma ex-militante da Camde, Eudóxia Ribeiro Dantas. O intuito é averiguar a trajetória da militante a partir da publicação de *Voltando ao tempo* (1998), pois “[...] nos fornece elementos essenciais para compreendermos o universo simbólico e a cultura política partilhada pelas mulheres que compunham as fileiras da Camde” (CORDEIRO, 2009, p. 168). Analisar a trajetória de vida – pública e particular – de uma mulher que possui destacado papel nas atividades desenvolvidas pela Camde durante todo o período em que a associação existiu, torna-se importante, uma vez que sua experiência de vida, o meio em que conviveu e a educação recebida, permitem compreender melhor as opções políticas tomadas durante a ditadura civil-militar. Como mostra Janaína Cordeiro, o livro de Eudóxia Ribeiro Dantas (1998) aponta para a diversidade das memórias construídas pelas militantes da Camde sobre sua participação na ditadura, ainda mais se tomarmos esse texto em conjunto com os depoimentos de outras associadas, expondo a complexidade em se estudar o regime.

Demonstrar que a ditadura esta mais próxima de um emaranhado de situações, em que é preciso desvendar sujeitos e grupos, que estabeleceram diversas relações, talvez traduza este trabalho, que não teve como objetivo “absolver” as senhoras da Camde, mas o de demonstrar que as relações entre sociedade e ditadura são muito mais complexas do que pode indicar uma dicotomia simplificadora entre estado repressor e sociedade vitimizada. Como bem destacou a autora, o regime civil-militar é um produto da sociedade, em que a ele, pessoas dos mais diversos segmentos agiram e reagiram. O

texto de Cordeiro (2009), longe do maniqueísmo e das sínteses simplistas, está na contramão de uma história militante. A pesquisa realizada pela jovem historiadora revela uma lacuna ainda existente em nossa historiografia: a falta de trabalhos que discutam em profundidade as direitas durante a ditadura civil-militar.

Referências

CORDEIRO, Janaina Martins. **Direitas em movimento: a Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

DANTAS, Eudóxia Ribeiro. **Voltando no tempo**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1998.

DREIFUSS, René A. **1964: A Conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

LABORIE, Pierre. **L'opinion française sous Vichy**. Les français et la crise d'identité nationale, 1936-1944. Paris: Editions du Seuil, 2001.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o 'Perigo Vermelho': o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2002.

PRESOT, Aline Alves. **As Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Dissertação de Mestrado.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROLLEMBERG, Denise. Esquecimento das memórias. In: MARTINS FILHO, João Roberto (Org.). **O golpe de 1964 e o regime militar: novas perspectivas**. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, Pátria e Família**. As Mulheres no Golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1985.

STARLING, Heloisa Murgel. **Os Senhores das Gerais: os Novos Inconfidentes e o Golpe de 1964**. Petrópolis: Vozes, 1986.

Resenha recebida em 08/05/2011 e aceita para publicação em 21/06/2011